1.º anno | Lisboa, 13 de abril de 1885 | Numero 42

A Illustração Portugueza

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

D'esta vez não abundam os factos: estamos em calmaria pôdre de noticias. Nem um escandalo, nem um crime, nem um acontecimento de sensação veiu perturbar a doce paz que epilogou a quadra melancolica das Endoenças. Paira ainda no ar o perfume do incenso evolado das egrejas; e a humanidade, como que contida em respeito pelo tom grave das ultimas festas religiosas, guarda um recolhimento profundo, abstendo-se de abrir a valvula por onde irrompem as suas paixões desordenadas e infrenes.

Durará pouco este interregno, bem o sei, mas emfim, sempre é grato registrar uma solução de continuidade, embora pequena, na enorme cadeia de crimes que, desde longos tempos, nos traziam apavorados e transformavam a chronica em hospital de sangue.

Estamos n'uma epoca d'irremediavel decadencia. Quanto mais nos aproximamos do fim d'este seculo miserando, mais a nossa decomposição se aggrava e accelera. Ha, no meio da sociedade hodierna, uma doença qualquer, corruptora e terrivel, que a vae matando pouco a pouco, fazendo-nos perder as crenças, os respeitos, as adorações, as obediencias, e transformando-as por odios cegos, appetites monstruosos, revoltas grosseiras. Graças a ella, até se perde a consciencia do dever, essa lei primitiva e soberana das sociedades organisadas.

Immergimos n'um chaos formado de dignidades desfeitas, de consciencias mortas, de deveres postergados, de mil infamias triumphantes, n'um *pêle-mêle* horrivel de seres e coisas, em meio das quaes o proprio Deus difficilmente se reconhece, parecendo assombrado de ver morrer assim a sua obra grandiosa, que Elle reputava immortal.

O operario sente-se atormentado por aspirações vagas, por idéas confusas d'ambições e de gozos, que não conhecia d'antes. O resultado é não trabalhar, é ir refugiar-se nas tabernas onde se gera o crime hediondo.

As mulheres pervertem-se arrastadas pela sede do luxo. A nobreza de sangue, a altiva fidalguia puritana d'antigos tempos, que dançava minuetes com as duquezas patricias, nos salões dourados da *haute gomme*, enerva-se e avilta-se nos *boudoirs* das cortezãs impudicas.

FELIZES EDADES!

O theatro deprava e prostitue.

A politica, Messalina pervertida e pervertedora, vae acabando de corromper, com os seus processos deshonestos, a alma ingenua do povo.

Assim como a anemia matou as nossas forças phisicas, assim a corrupção que ahi lavra desenfreadamente trata de matar as nossas forças sociaes.

E a sociedade moderna, roida por estes dois cancros, não sabe para onde caminha, para que negros abysmos a arrastam.

A imprensa, o grande colosso que podia ainda, talvez, pôr entraves a esta *degringolade* monstruosa, deixa-se levar na corrente demolidora, e não cuida de fazer uma propaganda tenaz contra a invasão, cada vez mais terrivel, da immoralidade e do crime.

Ha dias, um actor qualquer, dos muitos que ahi procuram, na *réclame* inconsciente das gazetas, o elogio dos seus meritos problematicos, levantou a bengala contra um jornalista, que se permittira apreciál-o com inteiro desassombro e desusada justiça.

Pois a imprensa, a puritana austera, respondeu com o silencio approvador a esta affronta que lhe cuspiram na face, deixando sem reparo nem protesto a offensa que recahiu de chapa no seu gremio honrado e digno.

E' que ella tem, n'estes ultimos tempos, uma outra missão mais alevantada a cumprir:—angariar donativos para os hespanhoes.

E a proposito d'isto, citaremos um facto.

Emquanto o sol, em sabbado d'Alleluia, fazia incidir a sua luz diamantina sobre a fachada dos templos onde se entoavam hosanas festivos; emquanto muitas centenas de felizes, attrahidos pela musica buliçosa da *Carmen*—um encanto—e pelo *spartito* do *Ernani*—uma joia musical—se preparavam para ir á noite ouvir, repoteadros nas velhas cadeiras de S. Carlos e nos *fauteuils* novos do Colyseu, dois tenores notabilissimos, De Bassini e Rubis, lia eu, nas columnas d'uma gazeta diaria, esta singela local, d'um laconismo esmagador:

«A' caridade

D. Anna David Guimarães, viuva d'um jornalista que foi muito distincto, esta cada vez em peior estado de saude e nas mais precarias circumstancias.

Lembramo-l'a aos nossos leitores, implorando para ella a caridade que não póde ser mais bem cabida.»

Ao passo que os nossos visinhos de Granada souberam arrancar ao coração dos jornalistas portuguezes a nota dolorida que echoou por todo o paiz e pelas terras de Santa Cruz, produzindo caudaes de libras esterlinas em favor das desgraças hespanholas, uma desventurada senhora, viuva d'um jornalista portuguez muito distincto, era esquecida, no meio da sua miseria negra e das suas enfermidades dolorosas, pelos companheiros de trabalho do marido que lhe morrera na força da vida e em toda a pujança do talento.

Ao passo que o infortunio dos andaluzes inspirou, aos nossos mais illustres escriptores e aos nossos mais enternecidos vates, columnas inteiras de prosa e verso, a desgraça d'uma triste viuva sem saude, sem pão, e talvez sem abrigo, provoca á imprensa periodica portugueza seis breves linhas apenas, as mesmas que se concedem ao registro de qualquer facto banal occorrido nas ruas, ou de qualquer espectaculo insignificante realisado nos theatros.

Tornou-se n'isto a imprensa. Consente que os seus membros sejam espancados, em vida, pelo primeiro sujeito a quem a critica independente desagrade; e depois de os ver mortos, deixa que as suas miseras viuvas esmolem de porta em porta, como qualquer esqualido pedinte anonymo.

No entanto, ao appello ruidoso do jornalismo portuguez, a Andaluzia vae recebendo ainda, de todos os cantos do paiz e dos nossos irmãos do Brazil, pingues donativos, que chegam bem para reconstruir as casas desmoronadas pelas convulsões do solo. E' de esperar que esta generosidade nos livre, ao menos, do contagio do *cholera morbus*, novamente desenvolvido, com furia terrivel, em Játiva e Valencia, aos primeiros assomos da pallida primavera.

E á falta de noticias e d'espaço, rematarei esta palestra, annunciando-te que os teus representantes—salvas varias excepções—começaram a discutir no parlamento o projecto de reformas politicas.

Já não era sem tempo.

E tu a dizeres que a revisão constitucional não passava d'uma *blague!*

D'esta vez os augures politicos não mentiram, e vão dar-te de consoadas o folar da... Carta revista pela camara constituinte.

Com franqueza, não era d'isso que tu mais carecias, mas emfim, venha isso á falta de melhor.

C. Dantas.

CANTARES

VIII

Andas na eira a saltar
E eu, com os olhos, te sigo.
Para o teu pé me calçar
Quizera ser loiro trigo!

IX

E' noite. Tua face agora
A' janellinha assomou.
Crendo que rompia a aurora,
A cotovia cantou.

X

Para vêr o que dizia,
Um bem-me-quer esfolhaste;
Disse que eu bem te queria...
Com raiva aos pés o calcaste!

Manuel de Moura.

GARRETT E O SEU TEMPO

XV

E' interessante a historia dos acontecimentos de 1845 e de 1846, e o sr. Gomes de Amorim traz, com o seu livro, valiosos subsidios para a historia contemporanea. Permitta-nos porem o illustre biographo, já que nos temos ido costumando a fallar-lhe com franqueza ás vezes rude, que mais uma vez lamentemos que, na sua apreciação dos homens politicos do nosso tempo, não mantenha a severa imparcialidade que frequentemente allega, mas que nem sempre o distingue.

E' cedo ainda, diz o sr. Amorim, para escrever a historia d'esta epoca agitadissima do nosso noviciado constitucional. Confesso que receio que vá começando a ser tarde, porque, a lenda, quasi sempre a lenda do escarneo, a lenda do insulto e a lenda da calumnia vão desfigurando por tal forma os vultos que n'este periodo dirigiram os negocios publicos, que o historiador, quando vier, encontrar-se-ha talvez diante de preconceitos por tal forma enraizados, que lhe será difficil reconstruir as figuras verdadeiras, distribuir em justos quinhões o louvor e a censura, e contar o que succedeu e não o que se inventou. Para emprehender essa obra de rehabilitação, ha de, sobretudo, sentir uma falta enorme de documentos. Encontrar-se-ha na presença dos documentos officiaes, que são pouco elucidativos, quando desacompanhados de commentarios que os expliquem, e em presença dos jornaes e dos folhetos que mentem com um descaramento que a posteridade nem poderá imaginar, porque só nós, que vemos os factos e que vemos as narrativas, é que podemos formar idéa do ponto a que chega o facciosismo na chronica dos acontecimentos. O que era necessario que existisse eram as *Memorias*, principalmente as *Memorias* dos actores secundarios dos grandes dramas, que tudo presenciaram, e que não teem grande interesse em disfarçar a verdade. O que era necessario, tambem, era que se fosse já fazendo a historia com sincero intuito de imparcialidade, tomando-se a missão de historiador como um verdadeiro sacerdocio.

O sr. Gomes de Amorim cita a miudo, e toma como authoridade a *Historia* do sr. Soriano!! Como quer depois que se acredite na sua imparcialidade? O sr. Soriano, e isto simplesmente porque é homem, tem as suas paixões a que não é superior, figurou nas luctas que refere, tem as suas predilecções e os seus odios: o sr. Soriano, pois, deve ser consultado com muita cautella e muitissima prevenção. Alem d'isso o sr. Soriano, com o desejo que tem de escrever depressa, não se dá ao trabalho de cotejar, comparar e criticar os documentos de que se serve. Toma as publicações do tempo, apaixonadas, inspiradas pela irritação, pela colera, pela parcialidade, e vai-as seguindo passo a passo, copiando-as muitas vezes. A historia da emigração para Inglaterra póde-se dizer que a copia quasi textualmente das *Memorias* de Silva Maia!

O livro do sr. Soriano é, apesar de tudo, valioso, porque tem compilado em poucos volumes o que se encontra disperso por innumeros folhetos, mas deve ler-se com o mesmo cuidado com que se leriam os folhetos que lhe servem de texto, com o cuidado com que se lêem as paginas apaixonadas escriptas por aquelles em cujo sangue lateja a febre das luctas em que se acham envoltos.

Já estranhámos a severidade injusta com que o sr. Gomes de Amorim apreciou a emigração, repetindo velhas banalidades, que se desculpam na boca dos emigrados famintos, desesperados, que procuravam vingar-se em alguem das miserias que soffriam, mas que se não desculpa na boca dos homens que pertencem á geração seguinte, e que devem fazer a critica dos acontecimen-

tos para não fazerem accusações exaggeradas, quando não são muitas vezes accusações calumniosas.

O sr. Gomes de Amorim acceita, n'esse ponto, ás vezes com certa ingenuidade, como palavras do Evangelho, os textos do seu author predilecto—o sr. Soriano. Assim repete com toda a gravidade uma accusação de covardia feita pelo author da *Historia da guerra civil* .. ao duque da Terceira! E' verdade, o sr. Soriano tem a singular coragem de chamar «covarde» ao duque da Terceira, e o sr. Gomes de Amorim tem a ingenuidade não menos singular de repetir a accusação.

«O duque, diz o sr. Gomes de Amorim, só uma vez, durante a defeza dos direitos da rainha, procedeu de modo que mereceu censuras em vez de louvores, e que podia ter sido funesto á causa liberal. Foi quando, na ilha Terceira, pedio o commando da expedição para ir tomar o Pico, S. Jorge e Fayal. Estava já senhor das duas primeiras, ao tempo em que appareceu a corveta miguelista *Isabel Maria*, *que o aterrou a ponto de desamparar a expedição, e retirar-se para a Terceira com o seu estado-maior!*»

Por terra, naturalmente fugiu por terra. Effectivamente o caso é dos mais singulares, e ha poucos exemplos de tão extraordinaria covardia! O Duque da Terceira está na ilha de S. Jorge, vê apparecer no mar uma corveta inimiga, toma-lhe tamanho medo que se mette logo n'um barco e deita a fugir, que é para a corveta não dar cabo d'elle. Toda a gente sabe que onde as corvetas são menos perigosas, é no mar. O leitor está ali no Terreiro do Paço, por exemplo, apparece uma corveta, cuja vista o aterra, e o leitor desata a fugir. Qual é o modo que tem de fugir á corveta? Safar-se para o Rocio? Metter-se n'um trem e mandar bater para Bemfica? Não senhor, metter-se n'um bote, e mandar remar para Cacilhas. Assim é que todos os covardes fogem das corvetas. Da mesma forma, se o leitor vier no vapor de Belem, e vir passar pelo Aterro o regimento de lanceiros, se os lanceiros lhe metterem medo, o modo que tem de lhes fugir é desembarcar e deitar a correr para o Terreiro do Paço!

Ora, se o sr. Gomes de Amorim, que naturalmente se espantou ao ver a noticia de um acto de covardia praticado pelo duque da Terceira, e que releu e releu o trecho antes de se convencer, tivesse reflectido um instante, havia de notar que, para o duque fugir da ilha de S. Jorge para a ilha Terceira com medo de uma corveta, era necessaria uma de duas coisas: ou que o duque fugisse de uma ilha para a outra .. por terra, ou que a corveta houvesse apparecido a navegar, airosa e flamante, nas montanhas de S. Jorge.

Eu, que sou menos propenso a achar tudo vergonhoso do que uns certos scepticos meus contemporaneos, não podendo admittir, por mais que o sr. Soriano o affirmasse, que o duque da Terceira tivesse praticado um acto de covardia, e não podendo mesmo admittir que se podesse considerar um acto de covardia o que era afinal de contas antes um acto de temeridade, mas reconhecendo que o passo dado pelo intrepido general fôra em todo o caso uma inconveniencia, tive a curiosidade de investigar o que fôra que o motivára. E soube-o.

Já digo que o acto do duque da Terceira foi effectivamente uma fraqueza, não no sentido em que tomam essa palavra os srs. Soriano e Gomes de Amorim, mas no sentido de ser uma transigencia com sentimentos humanos, nobilissimos sim, mas que não deviam n'esse momento fallar mais alto do que o amor da patria e o zelo da liberdade no coração do heroe.

O duque da Terceira, ou antes o conde de Villa-Flor, porque ainda n'esse tempo não fôra elevado a duque, não via saa mulher havia dois ou tres annos, quando soube que ella chegára á Terceira. Então, não houve coisa alguma que o prendesse: nem sentimento do dever, nem o perigo imminente de cair nas mãos do inimigo, nem a necessidade suprema de completar a conquista dos Açores. Foi um desejo superior á sua vontade. Não attendeu nem aos dictames da sua consciencia, nem ás reflexões dos seus officiaes. Partiu *covardemente*, como diz o sr. Soriano, quer dizer mettendo-se n'uma casca de noz, que uma bala da corveta *Isabel Maria* teria mettido no fundo com a maior facilidade. Partiu, chegou á Terceira, abraçou sua mulher, e, quando José Antonio Guerreiro lhe estranhou o seu procedimento, o valente general, reconhecendo as suas culpas, curvou humilde a cabeça, elle o victorioso, elle que podia ser dictador quando quizesse, metteu-se outra vez no bote, e lá foi de novo, expondo-se a passar por baixo dos canhões da corveta *que o aterrara*, tomar a ilha do Fayal.

Este acto do duque da Terceira relaciona-se perfeitamente com o animo intrepido, cavalheiresco, e um pouco irreflectido do valente general, assim como está perfeitamente conforme com o caracter do homem, que foi, na phrase de José Estevão, «um militar valente e um cidadão pacifico», a obediencia quasi humilde com que acceitou—elle que era a espada e a força, e podia ser a dictadura—as reprimendas da Regencia.

Mas o que se não coadunava em nada com o caracter do duque da Terceira era um acto de covardia, porque estava em contradicção com todos os actos da sua vida, e bastava esta simples reflexão para que o sr. Gomes de Amorim não acceitasse de leve, e sem a submetter a uma critica reflectida, a asserção do sr. Soriano. E que a não submetteu a essa critica prova-se amplamente pelo simples facto de não ter reparado sequer no que havia de burlesco e de *bête* na historia d'esse famoso covarde, que, por ter muito medo de uma corveta, estando muito bem descançado em terra, se metteu n'um bote e fugiu por mar.

PINHEIRO CHAGAS.

CONFIDENCIA

En sinto que é mortal a dôr que me atormenta,
Que nunca um tenue raio d'amor e de ventura
Virá dulcificar-me esta tristeza lenta,
Que afunda pouco a pouco a minha sepultura.

Ninguem percebe a forte e grande tempestade,
Que em minh'alma febril s'extorce a cada instante;
Ninguem conhece o horror—a eterna soledade
Do meu viver cruel, tristonho e flagellante.

Ninguem! Ninguem conhece o meu atroz destino
N'este abysmo fatal denominado «mundo»,
Nem sabe o que é ter só na mocidade um hymno
D'implacavel tristeza e de pezar profundo.

E tudo isto porque? Por *Ella* não sentir
No virgem coração um meigo affecto ardente
Que seja egual ao meu; por não retribuir
O meu amor tão grande e puro e persistente.

II

Oh! é horrivel é! E adoro-a! Podem crer
Que n'este mundo vil unicamente qu'ria
O amor d'essa mulher.
A riqueza, o futuro, emfim tudo daria
P'ra ter o seu affecto ameno e carinhoso
A sua idolatria.
A vida perderia estoico e venturoso,
Se nos labios lhe visse a limpidez d'um riso
Alegre e bonançoso.

Sentiria em minh'alma um doce paraizo
Se um dia o seu olhar baixasse sobre o meu
. . . .
. . . .
Mas isto é sonho bom. . um sonho que idealiso!
Terei somente o Inferno, em vez de ter o Ceu!

LUIZ FRANCISCO DA SILVA.

AS NOSSAS GRAVURAS

FELIZES EDADES!

Felizes edades aquellas, em que não ha ainda a noção dos brilhantes caros e dos aderecos principescos!

Dois pares de cerejas enlaçadas formam um par de brincos formosissimos, muito mais vistosos que dois botões de perolas ou de saphiras.

Depois, aquellas *parures* singelas com que se adorna a innocencia, teem uma dupla vantagem:—enfeitam e comem-se; deliciam o paladar das creancinhas depois de lhes terem deliciado os olhos.

Vão lá dizer á formosa pequenita do quadro que enfeite as orelhas com ginjas garrafaes, quando tiver mais cinco annos por cima. Isso sim! Então já ella pede brilhantes e se namora ao espelho, envergonhada de ter um dia exhibido aquelles adornos, entre as suas brincadeiras infantis.

QUE MAIS LHE HAVEMOS DE DIZER?

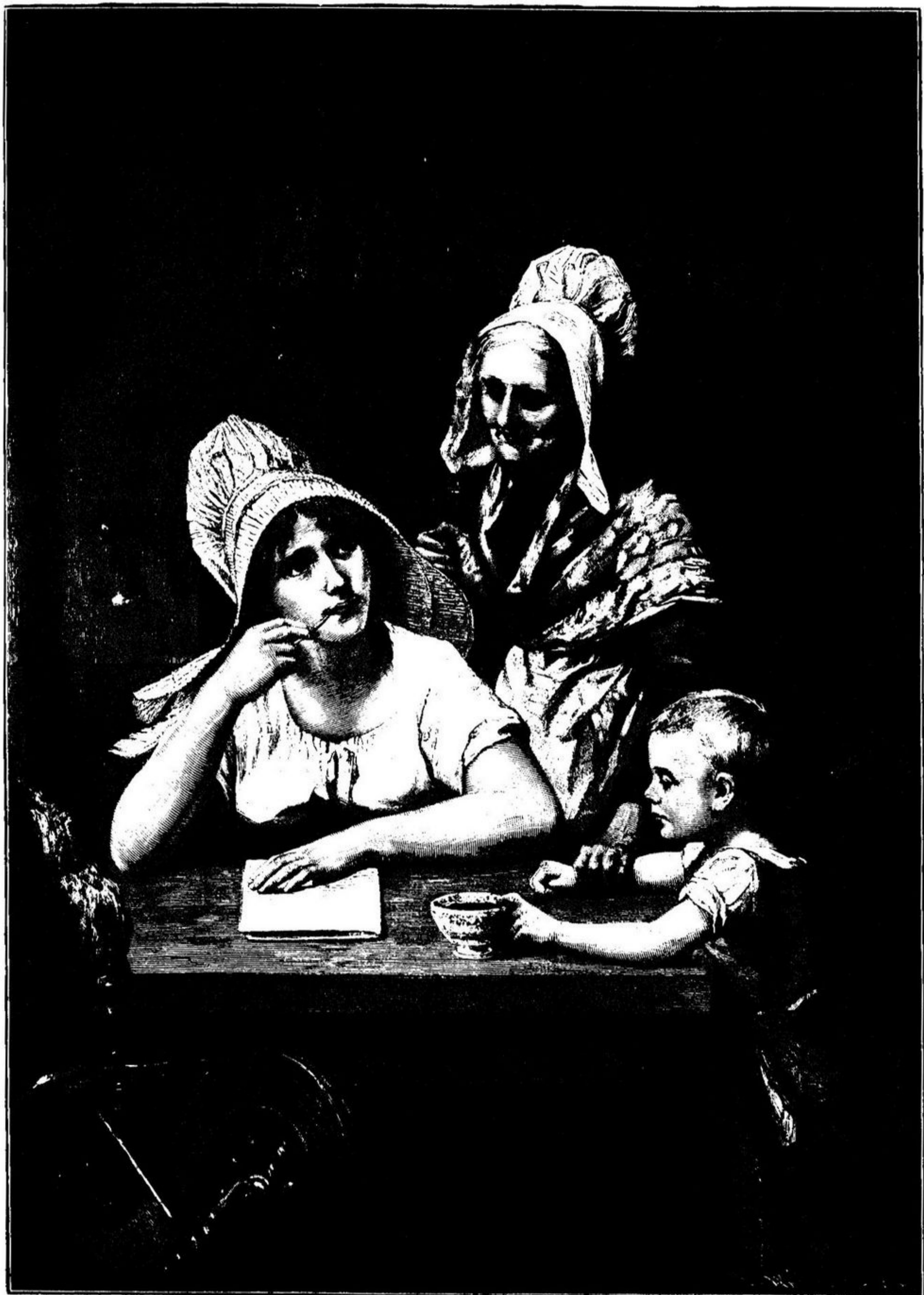
Mãe, filha e neto. Adivinha-se-lhes o parentesco na semelhança pronunciada das feições.

Reuniram-se todos tres para dar noticias de si a um ausente saudoso—o dono da casa. A mãe dicta, a filha escreve, e o neto, depois de ter mandado dizer ao papásinho que lhe traga muitos bonitos, entretem-se a metter os dedos na tinta.

Esgotado o repertorio das novidades, e confiados ao papel todos os segredos domesticos, a gentil escrevente pergunta á mãe, tomando uma attitude pensativa:—Que mais lhe havemos de dizer?

Como se aquella alma cheia de saudades não lhe desse assumpto para encher muitas resmas de papel!

A CONFISSÃO

A carne é fragil, e o habito não faz o monge.

QUE MAIS LHE HAVEMOS DE DIZER?

A MÃE DOENTE

A CONFISSÃO

Aquelle noviço torturado pelos supplicios da clausura, sente pulsar-lhe no peito, sob a larga sotaina de burel, um coração onde não se apagou ainda o amor pelas coisas mundanas. Affectos mal correspondidos arrastaram-o, em momentos de desconforto, para a estreiteza d'uma cella humida e sombria.

Pensára esquecer-se ali, e não fez mais do que aggravar o supplicio medonho.

Agora, procura na confissão um doce refrigerio para as suas profundas maguas, mas a palavra consoladora do venerando sacerdote não consegue arrancar-lhe d'alma o nome adorado que o amor ali gravou.

No fim de contas, um infeliz!

A MÃE DOENTE

A companheira do honrado pescador enfermou gravemente, e os cinco filhitos ficaram para ali, ao Deus dará, sem um affago materno, desprovidos do agazalho e do conforto que só uma boa mãe pode dar.

Se o pae lhes não valesse, os pobres pequenos, entregues a si mesmos, estalariam de fome, talvez. Mas elle, o rude homem do mar, não os desampara um instante; exerce ao mesmo tempo as funcções de enfermeiro solicito e de ama secca desvelada.

E' ver com que doce carinho o bom do pescador embala nos seus braços musculosos o mais novo do rancho, esfriando pacientemente as sopas de leite, que substituem para a creancinha esfaimada o doce alimento dos seios maternos!

E' ver com que pachorra elle supporta as impertinencias das tres pequenas mais velhas, e as travessuras do rapazelho, um garoto endiabrado que, nas horas vagas, dá tratos de polé ao gato, e revolve a casa toda, transformando-a n'um perfeito inferno! Quem já passou por transe egual ao d'aquelle infeliz pae, deve lastimal-o profundamente, ainda mais que á propria enferma.

TEMPLO DE S. FRANCISCO EM EVORA

Evora, capital da provincia do Alemtejo e uma das cidades mais antigas do reino, onde quasi todos os nossos reis, até D. Sebastião, tiveram por vezes a sua côrte, esta edificada no centro d'aquella provincia e é por todos os lados rodeada de dilatadissimas planicies.

No centro da cidade eleva-se um pouco o terreno com muito doce subida. N'essa pequena altura esta situada a Sé, tendo junto a si o palacio archiepiscopal.

Além da freguezia da Sé, ha na cidade mais quatro parochias, que são: S. Pedro, S. Thiago, Santo Antão e S. Mamede.

Antes da extincção das ordens religiosas em 1833, contava Evora 22 conventos e collegios, dentro da cidade e proximo dos seus muros.

Dos de frades é digno de menção, entre outros, o de S. Francisco, cuja fachada a nossa estampa representa.

Este templo é vastissimo, tem uma só nave, e uma abobada singular, que não é sustentada por columnas.

Foi construido nos reinados de el-rei D. João II e de el-rei D. Manuel.

HONTEM E HOJE

Quantos livros eu li na minha mocidade,
Theorias sem fim, das allemãs, francezas!
Queria derribar as grossas fortalezas
Que nos roubam a luz a esphinge da Verdade!

Que sede tão febril, que enorme anciedade
Na floresta ideal d'essas mil subtilezas!
Mas quanto mais descia aquellas profundezas,
Tanto mais me fugia a eterna claridade!

Hoje, porem, cançado, ainda em verdes annos,
Não quero decifrar segredos dos arcanos,
Que me enchem de pavor, de treva e escuridão...

Tenho um só ideal—o teu amor, criança;
Foi só no teu amor que eu encontrei bonança;
E ha muito que aprender n'um livro, o coração!

SERGIO DE CASTRO.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

Temos na musica e na ermida este peixe—1—1—2.

Pisa e tem agua no mar—1—2.

Este arbusto corre e canta—2—2.

Na musica come-se esta pedra—1—2.

Com este instrumento a ave é ave—1—2.

Esta ilha n'outra ilha mancha—1—2.

Belem. DIAS.

E' planta, homem e marmore—2—2.

X. RODRIGÃO.

CHARADA EM W

(A Matheus Peres)

1 2 3

W

4 5

Venha cá, meu caçador:
Já que mata tanta caça,
Vamos ver se tambem mata
Charadinhas d'esta raça.

Na obliqua primeira
Encontra verbo ou mulher.
Na obliqua segunda
O que o verbo deve ter.

Na obliqua terceira,
De mulher nome verá.
E na obliqua quarta
Um pronome encontrará.

Na primeira horisontal
Vê um signo com certeza.
Na segunda tem um verbo
Cá da lingua portugueza.

Beja. JOSÉ EDUARDO ABRANTES SILVA.

N. B. Considera-se primeira obliqua a linha 1-4, segunda a linha 2-4, terceira a linha 2-5, e quarta a linha 3-5. Primeira horisontal os pontos 1-2-3, e segunda os pontos 4-5.

ADIVINHAS POPULARES

Ando toda matizada
De lindas, diversas cores;
Se me apraz, entre mil flores
Passo a vida socegada.
Sou ás vezes mal tratada
Por força da sorte impia,
Invencivel sympathia
Melhor me fôra não ver,
Que mais tempo duraria.

Sou uma pobre envergonhada
A qualquer canto mettida,
Trabalhando noite e dia,
E do trabalho que faço,
Ainda curo alguma ferida;
E ainda ha quem de mim diga,
Sem compaixão nem vergonha:
—Fugi d'ella! tem peçonha!

LOGOGRIPHO

Eis aqui uma medida,—9—8—13
Que a muitos mitiga a dôr—13—8—5—6—2—8—5
E' ave mui conhecida,—12—9—8—13—4—11—5
Com rasão aborrecida—9—8—12—11—13
Mas que canta com primor—1—9—4—10—5—8—11—13

E' um ser abominado,—12—7—8—11—12—5
Que a todos causa aversão.—5—3—11—5
Contém valor cubiçado,—8—9—12—9—4
Na Turquia é magistrado,—9—2—9—10
Tambem vigia a prisão.—4—5—8—6—9

Procurae, e com certeza
Uma sciencia heis de achar,
Que tem materia p'ra estudo
No ceu, na terra e no mar...

F. B. DIAS.

PROBLEMA

Um numero é formado de 3 algarismos, cuja somma é 11; a somma dos seus quadrados é 45; tirando 198 ao numero dado, obtem-se um resto, que se escreve com os mesmos algarismos que o dito numero, mas collocados em ordem inversa. Qual é o numero?

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Queluz—Girasol—Gaiola—Rozada—Rozario—Paulo—Oceano—Bispo—Armario—Ratoeira—Pe co
ro
a la

DA ADIVINHA POPULAR:—Luz.

DO PROBLEMA:—Os numeros são: $\pm$ 25; $\pm$ 16; $\pm$ 15.

A RIR

Colhido na *Havaneza:*

—Posso affirmar-te que ha cães muito mais intelligentes que os donos!

—Essa agora!

—Digo-te eu que ha. Por tal signal tenho um lá em casa.

*

Um accidente qualquer fez com que o pianista X... perdesse ambos os braços.

Vão dar esta noticia a Calino, e elle responde:

—Foi uma grande desgraça, confesso, mas podia ter sido ainda muito maior!...

—Maior, como?

—Se elle perdesse ambas as mãos!

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

Quereis curar uma constipação rebelde, que vos impede de ir aos theatros e aos bailes? Não é difficil.

Para isso, fazei torrar e depois moer uma porção de farellos de trigo: em seguida preparae com elles um chá, deitae dentro do liquido um pouco de leite e uma colher de xarope de gomma, adoçando-o muito bem.

Tomae este chá umas poucas de vezes ao dia, e em 24 horas a tosse terá desapparecido completamente.

O ANTIGO THEATRO DA RUA DOS CONDES

(LISBOA CONTEMPORANEA)

Ha na vida factos e cousas que nunca esquecem da memoria do homem. Emquanto existir em Lisboa um individuo, que se lembre de ter assistido a uma recita no theatro da Rua dos Condes, este não será olvidado nem votado á indifferença, embora do seu aspecto reste sómente um quadrosito a oleo, que em tempos vi na loja do sr. Margotteau, na rua Nova do Carmo, e que representava a fachada exterior do velho theatro nacional.

Aquelle miseravel barracão feito de vigas carunchosas, lona pintada, papeis dourados e cartazes desbotados, teve o seu periodo de gloria, e n'elle deram os primeiros passos na carreira theatral quasi todos os nossos actores e actrizes, que mais tarde foram ali algumas vezes representar, em beneficios de caridade ou de collegas.

A decencia devida á capital, os preceitos da hygiene, e a segurança da existencia de cada um, determinaram que o theatro fosse demolido, afim de se prevenir a tempo alguma catastrophe medonha, que certamente se daria, se alguma vez o grito de—fogo—resoasse n'aquella concorrida e desconjuntada sala de espectaculo.

Era o theatro das magicas e dos grandes dramas de effeito, com extraordinario apparato scenico, onde floresceram especiaes diabos de gesto largo e voz rouca, e inconcebiveis anjos e fadas bondosas, de trinta e tantos annos, com azas de papelão, e os filhos a chorarem no camarim, com grave escandalo dos D. Juans de bastidores.

O povo adorava o theatro da Rua dos Condes, porque só elle lhe preenchia convenientemente as phantasiosas aspirações da sua alma; e a platéa dos domingos era medonha, terrivel, capaz de impôr respeito a um esquadrão de cavallaria municipal.

Chegou a ser celebre esta platéa, que afugentava o pacato burguez e o janota pretencioso, que se arriscava muito a apanhar no chapeu uma descarga de tremoços e de fava torrada se tivesse o arrojo de ir ao domingo ao theatro da Rua dos Condes.

Antonio de Menezes, esse bohemio cheio de graça e de espirito, sorrindo a tudo e a todos com a morte impiedosa a desbotar-lhe os arroxeados labios, teve no velho theatro a apotheose do seu talento, na esplendida e sempre lembrada revista o *Tutti li mundi.*

Carlos Pessoa, Augusto Oliveira, Eduardo Garrido e outros especialistas nos processos das magicas, tiveram ali os seus triumphos e uma semi-popularidade, que os tornava queridos d'aquelles fanaticos dos diabos vencidos sumindo-se pelos alçapões, e dos anjos vencedores subindo com um sorriso nos labios sensuaes e com os olhos em alvo a um céo de nuvens de lona pintada, illuminados por auroras de enxofre e limalha de ferro, ao perfume da qual não havia garganta que resistisse.

A geral ultrapassava todos os limites da liberdade e da licença. Não era raro ver diversos espectadores de pé descalço; e, encontrar uma gravata n'aquella parte da sala, seria trabalho, senão espinhoso, pelo menos infructifero.

Aquelle theatro tinha a especialidade dos beneficios a favor de chefes de familias sem meios de subsistencia e de diversas sociedades phylarmonicas e dramaticas, que assim tratavam de equilibrar o cofre, não hesitando em expôr por vezes á gargalhada publica as habilidades artisticas de algum dos seus socios, com decidida vocação para a scena e para o desfructo.

O mais curioso, porém, de todos os beneficios eram os promovidos a favor dos cyrios, que da outra margem do Tejo vinham a Lisboa, prenhes de devoção e de vinho, com o andor da Senhora atirado para a ré da falua, e em frente uma caldeirada terrivel como um aphrodisiaco, e picante de adubos e de ditos de espirito á fragateira.

N'essa noite iam ao theatro todos os catraeiros do Caes do Sodré!

Os camarotes enchiam-se de mulheres de lenço de seda azul na cabeça, casaco de panno preto enfeitado de velludo, cordão e guarda-chuva, que offereciam pasteis de bacalhau e cerveja aos maridos, uns mastodontes muito gordos e altos, de jaqueta e cache-nez, rosto picado de bexigas, gabão ao hombro e grossa cadeia de ouro estendida como uma amarra sobre o abdomen largo e proeminente.

Na platéa comia-se fava torrada e pevides de abobora, laranjas e pão com chouriço, e muitas vezes pescadinhas e carapaus fritos.

Não era raro ver uma garrafa de gazoza percorrer dois e tres camarotes, e uma laranja voar da platéa para uma friza. Conversava-se em voz alta d'um para o outro lado do theatro, e ás vezes resoavam phrases que punham calafrios na espinha dorsal.

Antes de correr o panno o barulho era enorme, atroador, cortado a espaços por aquelles assobios vibrantes e agudos, que só se encontram na praça dos touros em tardes de grande enchente; ás vezes armava-se uma pequena baralha, que obrigava as damas dos camarotes a debruçarem-se, com risco de perderem o equilibrio; intervinha a policia, bebia-se mais uma cerveja e o regente da orchestra erguia a batuta.

Como por milagre, o silencio restabelecia-se, e quando o panno estava subindo era perigoso fazer o minimo ruido.

Aquelles espectadores, para quem uma noite no theatro era, na vida d'elles, quasi um acontecimento sempre vivo na memoria, não admittiam que qualquer tivesse o desplante de os incommodar, no goso supremo de recolherem todas as phrases e gestos dos actores.

D'aquelle publico não havia que receiar.

Os artistas dramaticos eram para elle quasi uns deuses, a que não era permittido interromper a não ser com uma salva de palmas, que ás vezes se ouvia na rua de Santo Antão.

Quando a peça era drama patriotico ou magica, em que o diabo levava quinau, os finaes dos actos causavam um verdadeiro delirio e o publico não se cansava de applaudir.

Deram-se ali espectaculos, que chegavam a acabar ás duas horas da madrugada, estando metade dos espectadores a dormir e a outra metade fula de raiva.

A Rua dos Condes tinha, porém, os seus pergaminhos. Os mais notaveis vultos da scena portugueza passaram por aquelle palco poeirento e podre, onde o acaso nunca se lembrou de lançar uma faulha, que teria produzido um drama de horror egual ao do Ringht-Theatre de Vienna d'Austria.

Ultimamente o theatro estava um pouco decahido, tanto em artistas como em peças.

O proprio publico especial seu, começava a achar muito perigosas e incommodas aquellas estreitas portas que davam ingresso para a platéa, e não se sujeitava de bom humor á inquisitorial disposição da mesma.

O modernismo theatral tinha derruido lentamente aquellas enormes magicas, que fizeram as delicias dos nossos avós, e as classes inferiores já gostavam da bota bem feita e do laço da gravata bem dado.

O theatro da Rua dos Condes devia succumbir forçosamente, obediente ás leis inexoraveis do destino, que negam a eternidade até ás proprias cousas inanimadas.

N'aquelle theatro deram-se, porém, scenas d'um comico admiravel, que coincidiam perfeitamente com a epocha em que havia em Lisboa alguns rapazes muito engraçados e atrevidos em estroinices que hoje não se fazem nem se imaginam. Certa noite, em que um actor muito insignificante e muitissimo pretencioso fazia beneficio, na occasião de ser chamado pelos seus amigos, foi-lhe offerecido, d'uma friza de bocca, um embrulho delicadamente atado com fitas de seda carmezim, tendo pendente, d'um cordão de canutilho de ouro, um bilhete, no qual se lia em lettras douradas:

Ao actor F...

Offerecem

Os seus admiradores.

O homem fez-se vermelho como um pimentão e deitou ao publico um olhar importante e soberbo, curvando-se menos nos seus agradecimentos.

TEMPLO DE S. FRANCISCO EM EVORA

Quando recolheu ao camarim era seguido por todos os collegas, coristas, carpinteiros, alfaiate, aderecista, contra-regra, ponto, e até pelo homem das luzes, anciosos de verem o brinde tão espontaneo e delicadamente offerecido ao artista. O homem limpou o suor que lhe banhava a fronte, despiu a casaca, pediu um cigarro, chegou tres vezes à porta do camarim, e quando conheceu que todos estavam com a idéa pousada no volumoso brinde, desatou as fitas lentamente, tirou um papel côr de rosa, outro azul, outro verde, e por fim appareceu o presente tão anciosamente esperado.

Fez-se livido, ao passo que os curiosos riam como uns perdidos.

O brinde constava d'um tufado pão de meio kilo, com meia duzia de carapaus fritos entalados, formando uma sandwich colossal!

Quando reappareceu em scena a friza estava vazia.

D'outra vez, no beneficio d'uma actriz das somenos valiosas, um rapaz applaudia na platéa com um enthusiasmo louco.

No final do acto, atiraram d'alguns camarotes flores e versos. O enthusiasta não se poude conter, salta acima do banco e arremessa ao palco uma gallinha morta, que despertou o riso e a troça de toda a sala.

A melhor de todas, porém, passou-se n'uma terceira ordem, durante a representação d'um drama capaz de fazer chorar as pedras.

O silencio era geral: o galan despejava uma falla cheia de adjectivos pomposos e imagens estafadas, quando de subito se ouve o ruido particular da manteiga fervendo. Todos se entreolhavam receiosos e desconfiados, e um cheiro a manteiga frita penetrou em todos os narizes.

O ruido augmentava, e já não era possivel duvidar de que no theatro alguem estava frigindo ovos.

Vibraram algumas gargalhadas isoladas, depois mais e mais, e o riso, que como todos sabem, é, assim como a sede e o choro, communicativo, interrompeu escandalosamente o espectaculo.

N'esta occasião, d'um camarote de terceira ordem debruçou-se um rapaz, que ainda hoje tem fama de engraçado, e mostrou ao publico a frigideira onde luzia uma magnifica *omelette*.

Rebentou a troça, e o drama concluiu no meio d'um completo charivari, que deu ao espectaculo o aspecto d'uma recita em terça-feira gorda.

Não havia ninguem em Lisboa que não tivesse ido, pelo menos uma vez na vida, ao theatro da Rua dos Condes.

Era o theatro popular por excellencia, e d'elle resta a recordação de muitas noites de verdadeira festa e delirante enthusiasmo. O excentrico e estimado actor Faria, que deixou de si immoredoura memoria no papel do gallego das *Intrigas no Bairro*, presistiu por largos annos n'aquelle theatro, a que tinha sincero e profundo amor.

As melhores magicas e dramas maritimos representavam-se ali, sempre com um exito notavel, e algumas muito bem determinadas, para o que bastante concorria a especial construcção da caixa, propria para aquelle genero de espectaculos.

Nos ultimos annos da sua existencia, a sala soffreu uma completa reforma de ornamentação, mas a altura dos tectos e a largura dos corredores, que pareciam feitos para anões e para tysicos, ficavam na mesma, até que a imprensa, em voz unanime, e aterrada com os sinistros acontecidos frequentemente n'alguns theatros estrangeiros, indicou ao alvião municipal o velho e popular theatro.

Uma commissão de sabios, que muitas noites ali foram, em companhia das familias, rir algumas horas, comprehendeu pela vez primeira que o theatro era inadmissivel com aquella construcção que não permittia que em momento de perigo se salvasse um unico espectador, e o velho templo da arte dramatica em Portugal foi demolido em menos d'um mez, e só então, depois de arrancadas as lonas e os dourados, as figuras emblematicas e a colla, deixando a descoberto um misero esqueleto composto de vigas podres que uma creança poderia partir, é que Lisboa conheceu quantas vezes correra ao encontro do perigo, com o sorriso nos labios e alguns cobres a menos no bolso.

Hoje não resta do macrobio theatro senão a pallida recordação de algumas noites alegres e divertidas que ali se passavam, tendo por 400 réis a expressão mais completa do ceu e do inferno.

Morto o Passeio Publico, o theatro da Rua dos Condes, seu visinho de ha muitos annos, não lhe poude sobreviver, e hoje já poucos se lembram do que foi aquelle incrivel theatro no tempo da sua gloria e do seu esplendor. Aos antiquarios deixo o encargo de construirem a sua biographia, pois para mim reservei apenas a evocação do que elle era como theatro perante o bom gosto e inclinações do publico.

ALFREDO GALLIS.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso..............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA